

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Tálita Marinice Ribeiro Moreira

**LUZ, CÂMERA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM RELATO DE
APRENDIZAGENS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS
ATRAVÉS DE UM FESTIVAL DE VÍDEOS**

Santa Maria, RS
2018

Tálita Marinice Ribeiro Moreira

LUZ, CÂMERA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM RELATO DE APRENDIZAGENS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS ATRAVÉS DE UM FESTIVAL DE VÍDEOS

Artigo de conclusão de curso apresentado ao Cursode Mídias na Educação (EaD) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Mídias da Educação**

Orientador: Luís Alvaro de Lima Silva, Prof. Dr. (UFSM)

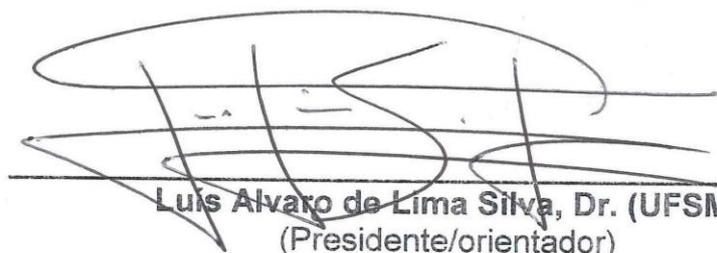
Santa Maria, RS
2018

Tálita Marinice Ribeiro Moreira

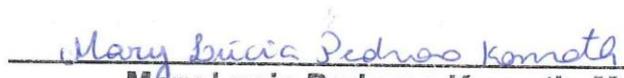
**LUZ, CÂMERA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM RELATO DE
APRENDIZAGENS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS ATRAVÉS
DE UM FESTIVAL DE VÍDEOS**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Mídias na Educação (EAD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Mídias na Educação**.

Aprovado em 21 de dezembro de 2018:


Luis Alvaro de Lima Silva, Dr. (UFSM)
(Presidente/orientador)


Patricia Mariotto Mozzaquatro, Me. (UFSM)


Mary Lucia Pedroso Konrath, Me. (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre colocar tudo no seu devido lugar.

A minha família: minha mãe Maria Glades, meu pai José Carlos, meus filhos Carlos Eduardo, João Pedro e Claudio Henrique por auxiliarem em todos os momentos da minha vida.

A minha diretora Ana Carolina e minha vice-diretora Ceres da Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlota Vieira da Cunha, do município de São Gabriel por abrirem espaço e incentivarem minhas ideias.

As minhas amigas e colegas Clarisse e Regiane, professoras da sala de recursos multifuncional e parceiras de trabalho maravilhosas.

Ao meu orientador professor Luís Alvaro de Lima Silva, pela ajuda e dedicação.

Agradeço todos os professores e alunos da rede municipal de ensino de São Gabriel que participaram e contribuíram para a realização deste artigo.

LUZ, CÂMERA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM RELATO DE APRENDIZAGENS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS ATRAVÉS DE UM FESTIVAL DE VÍDEOS.¹

LIGHT, CAMERA AND INCLUSIVE EDUCATION: A REPORT OF LEARNING AND INCLUSIVE PEDAGOGICAL PRACTICES THROUGH A VIDEO FESTIVAL.

Tálita Marinice Ribeiro Moreira²
Luís Alvaro de Lima Silva³

RESUMO

Este artigo revela alguns resultados da pesquisa sobre práticas pedagógicas inclusivas através da realização de um festival de vídeos em uma escola da rede municipal de ensino de São Gabriel no estado do Rio Grande do Sul. Neste momento buscou-se referencial teórico sobre a educação especial e o uso de mídias em práticas inclusivas, bem como a produção e divulgação de vídeos nas redes sociais. O objetivo deste trabalho é promover o uso do vídeo como ferramenta de aprendizagem e divulgação de práticas pedagógicas e experiências inclusivas. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, com abordagem qualitativa baseada em experiências crítico-reflexivas e práticas. Os principais resultados observados referem-se à utilização do vídeo como incentivo de inclusão social, de amplo envolvimento e comprometimento de professores e alunos na construção de conhecimentos significativos e sistematizados no espaço-tempo.

Palavras-chave: Educação Especial; vídeos; mídias.

ABSTRACT

This article reveals some results of the research on inclusive pedagogical practices through the realization of a festival of videos in a school of the municipal network of education of São Gabriel in the state of Rio Grande do Sul. At this moment a theoretical reference was made on the special education and the use of media in inclusive practices, as well as the production and dissemination of videos on social networks. The objective of this work is to promote the use of video as a tool for learning and dissemination of pedagogical practices and inclusive experiences. The methodology used was action research, with a qualitative approach based on critical-reflexive and practical experiences. The main results observed refer to the use of video as an incentive for social inclusion, broad involvement and commitment of teachers and students in the construction of significant knowledge and systematized in space-time.

Keywords: Special education; videos; media.

¹ Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção de Especialista em Mídias na Educação.

² Aluna do Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

³ Professor Orientador, Doutor, Universidade Federal de Santa Maria.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com necessidades especiais nas classes regulares tem sido tema de vários estudos, gerando reflexões e questionamentos sobre as formas de garantir, não apenas o acesso à escola regular, mas a escolarização destes alunos dentro do espaço em que estão inseridos e a realização de práticas pedagógicas que contemplem todos os alunos.

Em consonância, as políticas públicas têm se voltado ao intuito de realizar ações que possibilitem receber a todos na escola regular e organizar projetos que levem ao desenvolvimento efetivo da aprendizagem. Assim, gestores de escolas regulares e professores passam a desempenhar uma função de grande importância, já que são eles os agentes diretamente ligados à prática nos ambientes escolares.

Nesse contexto, acredita-se que é fundamental a articulação entre os profissionais das salas de recursos multifuncionais, gestores e professores da sala regular para a construção de estratégias e práticas pedagógicas que efetivem o direito à educação de “todos” os alunos.

Os processos de aprendizagem de alunos especiais nos instigam, levando-nos a refletir sobre as práticas pedagógicas a serem desenvolvidas e tornando-as um desafio por sua complexidade.

Desta forma, faz-se necessário conhecer experiências de práticas pedagógicas mais inclusivas e relevantes para o processo de escolarização de grupos de alunos especiais nas classes regulares do Ensino Fundamental, proporcionando aos professores uma oportunidade de aplicar, documentar e divulgar suas práticas pedagógicas, através de aplicação de projetos e sequências didáticas, do registro em vídeos e da divulgação em redes sociais, proporcionando uma visão mais aprofundada sobre a aprendizagem e escolarização desses alunos, levando em conta as boas práticas, as inquietações e conflitos, os desafios e os sucessos do corpo docente ao desenvolver um trabalho articulado com os profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e os gestores.

No transcorrer deste ano e do ano anterior, observamos a necessidade de debater e divulgar as práticas pedagógicas. Durante as reuniões pedagógicas, percebia-se que alguns professores se sobressaíam ao realizar práticas pedagógicas diferenciadas, o que se destacou no ambiente escolar, pois esta

deveria ser um trabalho unânime, desde que os planejamentos fossem elaborados em consonância com a heterogeneidade dos níveis de desenvolvimento dos alunos.

Esta pesquisa busca conhecer práticas pedagógicas inclusivas positivas que possibilitem a aprendizagem e escolarização dos alunos com deficiência, Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), altas habilidades/superdotação, por meio de produções de vídeos desenvolvidos por participantes de um festival na rede municipal de ensino do município de São Gabriel.

Pela via de práticas pedagógicas inclusivas, este estudo aposta em estratégias e metodologias de ensino que levem à escolarização deste grupo de alunos, através da utilização de recursos midiáticos, em especial o vídeo, possibilitando construir e despertar a criatividade que levem a múltiplos aprendizados.

A importância deste trabalho consiste em utilizar recursos tecnológicos como forma de expressão da inclusão social dos alunos em salas regulares e de seu desenvolvimento integral como cidadãos e seres em construção, capazes de evoluírem e atuarem na sociedade em que estão inseridos. Assim, este estudo apresenta uma contribuição voltada para profissionais comprometidos com suas práticas, aperfeiçoando olhares diferentes sobre as salas regulares, as salas de AEE, os sujeitos deste processo e as infinitas possibilidades de ensino-aprendizagem.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O cenário educativo atual conciliado com as mídias é formado por um ambiente social amigável que valoriza a contribuição do aluno, promove o senso de coesão do grupo, incentiva o trabalho em equipe e a socialização de todos. Quanto ao educador, a proposta é que seja um orientador, mediador ou facilitador da interação e da aprendizagem.

Sendo assim, o educador pode utilizar-se das mídias como recursos educacionais para, de acordo com Moran (1995), transformar a informação em sabedoria. Para o autor, a sabedoria é o conhecimento vivenciado com ética, alcançada pela aprendizagem continuada e profunda.

O professor se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informação mais

relevante. Num segundo momento, coordena o processo de apresentação dos resultados pelos alunos. Depois, questiona alguns dos dados apresentados, contextualiza os resultados, os adapta à realidade dos alunos, questiona os dados apresentados. Transforma informação em conhecimento e conhecimento em saber, em vida, em sabedoria - o conhecimento com ética (MORAN, 1995, p. 1)

Este texto enfatizará o papel das mídias no auxílio das práticas pedagógicas inclusivas, especificamente o vídeo, explorando as várias dimensões que esta ferramenta pode alcançar.

2.1 Educação Especial

A mudança no olhar para a Educação Especial e as pessoas com necessidades especiais teve seu marco com a elaboração da Declaração de Salamanca, como podemos perceber no seu art. 7.

Princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades (1994).

A partir deste momento começaram discussões e reflexões cada vez mais abrangentes sobre o tema. Segundo Mantoan (2003, p.12), um novo paradigma do conhecimento está surgindo das novas conexões que se formam entre saberes outrora isolados e dos encontros da subjetividade humana com o cotidiano.

A discussão sobre os sentidos da inclusão coloca em questão o passado recente da educação especial e da educação, fazendo com que nos perguntemos: incluir que, incluir por quê e incluir para quê? Vale lembrar que temos obrigações diferenciadas com essas perguntas e suas possíveis respostas, aqueles que se dedicam à educação têm uma maior responsabilidade diante de perguntas como: Onde devem ser educados os alunos (em geral)? Qual é a capacidade da escola e dos educadores de reinventarem a sua prática? Que princípios devem dar suporte aos projetos educativos que identificamos como “de qualidade”? (BAPTISTA, 2004, p.11).

De acordo com Mantoan (2001), a educação inclusiva não faz referência somente à inserção do aluno “especial” no ensino regular. É um conceito amplo que abrange o respeito às diferenças: individuais, sociais, raciais, culturais, políticas,

religiosas e que entende o aluno como ser pleno e com talentos a serem desenvolvidos na escola regular.

Para Pletsch (2010, p.157), “[...] é preciso levar em conta o papel social da escola moderna, entendida aqui como *lócus* cultural privilegiado para o desenvolvimento e a humanização das pessoas, por meio dos conhecimentos construídos e sistematizados historicamente”. É no contexto escolar que o aluno se apropria do conhecimento, com a orientação do professor e por meio da construção de conceitos. É através da escolarização, dentro de um sistema organizado pelo currículo e planejado em toda sua estrutura, que a educação acontece.

Um currículo que leve em conta a diversidade deve ser, antes de tudo, flexível, e passível de adaptações, sem perda de conteúdo. Deve ser desenhado tendo como objetivo geral a “redução de barreiras atitudinais e conceituais”, e se pautar em uma “ressignificação do processo de aprendizagem na sua relação com o desenvolvimento humano”. (OLIVEIRA & MACHADO apud, GLAT, 2007).

Nos últimos anos, vem crescendo a diversidade de estudos e, também, as divergências a respeito dos temas Educação Especial, Escola Inclusiva e necessidades educacionais especiais. Para alguns, a inclusão é um processo ainda distante que caminha a passos lentos e sem grande notoriedade. Para outros, a Escola Inclusiva é uma realidade urgente e com um leque de possibilidades.

No ensino regular, a inclusão é “[...] um processo muito lento, onde é necessária a mobilização da sociedade, da escola, dos educadores, dos pais dos alunos e o apoio do governo para progredir o desenvolvimento da educação inclusiva de qualidade” (ONISHI, 2012, p.15). Porém, Baptista acredita que possamos formular e sustentar planos de “comprometimento” e “flexibilidade” que favoreçam as diferenças, com contínuas montagens e transformações, já que “nós professores temos a pretensão de que a escola possa ser mais” (2004, p. 11).

É neste contexto que o Plano Nacional de Educação estabeleceu diretrizes, metas e estratégias de concretização no campo da Educação, sendo a meta de número quatro, referente à Educação Especial:

Universalizar, para a população de 4 (quatro) a 17 (dezessete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados. (MEC/SASE, 2014, p. 24)

De acordo com Mendes (2002), para atender os alunos com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino com qualidade, se faz necessário modificar os aspectos político, educacional e pedagógico das escolas.

Mantoan afirma que a inclusão “[...] prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceção, devem frequentar as salas de aula do ensino regular” (2006, p. 20). A inclusão provoca uma mudança de concepção educacional, porque

[...] não atinge apenas os alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. Os alunos com deficiência constituem uma grande preocupação para os educadores inclusivos. Todos sabemos, porém, que a maioria dos que fracassam na escola são alunos que não vêm do ensino especial, mas que possivelmente acabarão nele (MANTOAN, 2006, p. 19).

Esta mudança de concepção vem inquietando os professores do Ensino Fundamental na escola regular. É deles que são cobrados os altos índices de evasão e retenção dos alunos com necessidades educacionais especiais, a escolarização, o aprendizado, que até então, foi de “socialização”. O professor da sala regular está buscando cada vez mais respostas que transformem o seu fazer pedagógico e produzam efeitos no aprendizado e desenvolvimento dos alunos. Essa busca pelo crescimento profissional e pessoal vem de encontro ao proposto pela Declaração de Salamanca que, no seu art. 38 prevê a “[...] preparação apropriada de todos os educadores constitui-se um fator chave na promoção de progresso no sentido do estabelecimento de escolas inclusivas” (1994).

Assim, começa a ser discutido até que ponto a mudança nas práticas pedagógicas se faz necessária e possível, dentro das limitações dos alunos, da formação dos professores e da estruturação das escolas regulares. Além disso, que instrumentos podem auxiliar os professores a realizar ações pedagógicas de qualidade? “Mudar a escola é uma tarefa que exige trabalho em muitas frentes” (MANTOAN, 2007, p. 46).

2.2. O uso de mídias na Educação Inclusiva

As tecnologias de comunicação e informação (TICs) surgem neste contexto como um dos instrumentos a ser desvendado e utilizado de forma a promover o

acesso ao conhecimento e seu uso funcional, no cotidiano de sua própria vida e no processo de transformação da escola e das relações interpessoais. “Quando a prática é tomada como curiosidade, então essa prática vai despertar horizontes de possibilidades. [...] Esse procedimento faz com que a prática se dê a uma reflexão e crítica” (FREIRE; NOGUEIRA, 1993, p. 40).

As diferentes mídias possibilitam novas formas de construir e transformar o conhecimento, fazendo com que os professores busquem novas práticas pedagógicas para oportunizar aos alunos especiais uma nova cultura de aprendizagem.

Os meios de comunicação operam imediatamente com o sensível, o concreto, principalmente, a imagem em movimento. Combinam a imagem espacial com a cinestésica, onde o ritmo torna-se cada vez mais alucinante (como nos videoclips). Ao mesmo tempo, utilizam a linguagem conceitual, falada e escrita, mais formalizada e racional. Imagem, palavra e música se integram dentro de um contexto comunicacional afetivo, de forte impacto emocional, que facilita e predispõe a conhecer mais favoravelmente (MORAN, 2000, p. 33-34).

Através do uso da tecnologia, especialmente da internet, a aplicação de recursos midiáticos deve ocorrer de maneira criativa, crítica e coerente, contribuindo para práticas inter e transdisciplinares que favoreçam a qualificação da educação e o desenvolvimento integral do aluno. Prática ressaltada por Vianna (2009, p.10) ao afirmar que “uma das funções básicas da escola hoje é ajudar o aluno a saber pesquisar, saber procurar informações, saber estudar”.

Considerando tais posicionamentos, podemos apontar que as mídias atuam de maneira intrínseca no dia-a-dia dos alunos, por este motivo os professores necessitam explorar tais recursos, utilizando o vídeo em harmonia com a formação integral do aluno. Esta ferramenta oportuniza acrescer diferentes conhecimentos aos temas debatidos, bem como a socialização do próprio ato de aprender.

Partindo da utilização do vídeo em sala de aula, a escola começa a orientar e desenvolver habilidades diversificadas para a construção e formação do aluno. Para isso, deve ser considerado que esse tipo de mídia educacional possibilita uma prática mais dinâmica, atrativa e que origina conteúdos contextualizados.

Conforme exposto anteriormente, os recursos midiáticos podem aperfeiçoar o processo educativo de forma significativa, aliados à sociabilização, permitindo ao aluno e ao professor vivenciarem e expressarem ideias e sentimentos. Assim, como afirma Moran “Os processos de conhecimento dependem profundamente do social,

do ambiente cultural onde vivemos, dos grupos com os quais nos relacionamos. A cultura onde mergulhamos interfere em algumas dimensões da nossa percepção” (2000, p.26).

Por isso, a função das tecnologias na escola pode ampliar as aprendizagens, distinguindo os recursos midiáticos – o vídeo e as redes sociais – como instrumentos pedagógicos formativos, que constroem situações de aprendizado significativas, encorajadoras e criativas.

Para concluir, ainda há muito a discutir, a refletir e, principalmente, a agir. “Nunca houve tantas pessoas aprendendo tantas coisas ao mesmo tempo como em nossa sociedade atual” (POZO, 2008, p. 30).

2.3 Aprendizagens e Práticas Pedagógicas Inclusivas através de um Festival de Vídeos

A integração das redes sociais e dos vídeos ao processo de escolarização propõe que o professor aplique novas metodologias, reformule e compartilhe suas práticas pedagógicas.

Alguns autores, tais como Moran e Marcondes Filho, são favoráveis a utilização do vídeo como ferramenta educacional. As razões são as formas como o vídeo insere-se em várias áreas do ser humano, tais como a comunicação sensorial, emocional e racional. Marcondes Filho (1998) indica a utilização do vídeo como suporte a educação formal e não formal, pois, segundo ele, “desperta a curiosidade, prende a atenção, parte do concreto, mexe com a mente e o corpo do telespectador, educa mesmo sem fazer tal afirmação, procura inovar, entre outros fatores”. (MARCONDES FILHO, 1998, p.106).

Moran (2005), no entanto, vai além quando discorre que o vídeo e a TV tocam todos os sentidos humanos. Ele fala sobre códigos e significações que o uso dos meios audiovisuais é capaz de alcançar:

A televisão e o vídeo partem do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexem com o corpo, com a pele, as sensações e os sentimentos - nos tocam e "tocamos" os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. (MORAN, 2005, p. 97)

Sabe-se que o vídeo por si só não é capaz de resolver os problemas de aprendizagem, mas pode ser uma ferramenta auxiliar com potencial para direcionar

o aluno para um novo olhar sobre a educação. Entende-se que a educação inclusiva deve ser almejada associando-se diferentes estratégias de ensino e os vídeos podem fazer parte dessas dinâmicas diferenciadas, desde que utilizados adequadamente.

Ferrés (1996) nos direciona para as variadas funções de utilização de um vídeo em sala de aula: função informativa (videodocumento); função motivadora (videoanimação); função expressiva (criatividade e videoarte); função avaliadora (videoespelho); função investigativa, função lúdica (videobrinquedo); função metalingüística e interação de funções. Conhecidas as funções o professor precisa compreender as modalidades de uso, didático, que segundo Ferrés (1996) são: videolição, videoapoio, videoprocesso, programa motivador, programa monoconceitual e videointerativo.

Moran (1995) enfatiza pontos importantes na utilização de vídeos e de TV na educação: auxilia o despertar da curiosidade, permite compor cenários desconhecidos pelos alunos, permite simulações da realidade, reproduz entrevistas, depoimentos, documentários, auxilia no desenvolvimento da construção do conhecimento coletivo pela análise em grupo e o desenvolvimento do senso crítico. De acordo com Moran:

As tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas, combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes (2007, p. 164).

Moran (2002) discute sobre as diversas formas inadequadas de uso do vídeo:

- a) **vídeo-tapa buraco:** fazer a exibição do vídeo quando surge um problema inesperado, como: ausência do professor;
- b) **vídeo-enrolação:** o conteúdo do vídeo sem ligação com o conteúdo;
- c) **vídeo-deslumbramento:** fazer uso do vídeo em todas as aulas, esquecendo outras dinâmicas mais pertinentes;
- d) **vídeo-perfeição:** o professor que questiona todos os vídeos possíveis porque possuem defeitos de informação ou estéticos e,
- e) **só exibição:** não é satisfatório didaticamente faz-se necessário um debate, uma integração com o conteúdo da aula.

Com o aporte teórico desses autores focalizaremos em específico o uso do vídeo pelo professor de matemática como forma de delinear atividades em sala de aula.

3 METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

Apresenta-se neste relato uma forma diferente de utilização do vídeo no meio escolar. Expõe-se práticas atuantes na formação e desenvolvimento de alunos com necessidades especiais e transtornos globais do desenvolvimento na sala de aula regular de ensino e em salas de recursos multifuncionais, em turmas da educação infantil ao 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal de São Gabriel, RS.

O estudo foi dividido em três etapas: 1) revisão bibliográfica e grupos de estudos e/ou rodas de conversa; 2) dinâmicas de sensibilização e produção dos vídeos; 3) publicação dos vídeos no Facebook e votação *online*.

A primeira baseou-se no estudo bibliográfico conforme a temática. Após o estudo a, pesquisadora, junto aos demais professores realizaram reuniões (figura 1) e leituras sobre criação, produção, edição e divulgação de vídeos, bem como sobre as práticas pedagógicas inclusivas realizadas pelos participantes, discutimos as possibilidades de divulgar esses vídeos em redes sociais através da proposta de um festival/concurso.

Figura 1 – Professores e alunos em reunião de estudos.



Fonte: Arquivo pessoal.

Através destas ações iniciais podemos perceber que, apesar dos alunos não fazerem distinção entre si, muitas vezes perguntam o porquê de uns serem avaliados de forma diferente ou deixarem de participar de alguma atividade.

Em curto prazo, acreditamos que eles necessitavam entender o processo de inclusão e sua importância para o aluno incluso, bem como o papel que, como colegas, eles poderiam desenvolver. Já em médio prazo, a intenção era que alunos e professores promovessem a mudança do processo de inclusão para a construção de Escola Inclusiva e percebessem que incluir não é diferenciar, mas proporcionar situações de igualdade de condições para a realização do processo de ensino aprendizagem.

Para a realização deste estudo foi necessário determinar o que os alunos tinham de conhecimento acerca do assunto. Para isso, cada professor organizou em sua turma uma roda de conversa com a participação das professoras do AEE. Discutimos o que eles pensavam a respeito da inclusão, se sabiam o que era, se tinham na turma alunos inclusos.

O interessante nas respostas foi que eles não sabiam definir um conceito sobre inclusão, alguns (muito poucos, só quando havia a evidência física clara) reconheciam os colegas inclusos e respondiam à pergunta “o que é inclusão?”, com o nome do colega “inclusão é a ...”, “inclusão é eu me dar bem com o ...”. Quando não havia evidência física (como Síndrome de Down ou cadeirantes), os alunos não tinham conhecimento dos colegas, e muitos rotulavam os mesmos como “fora da casinha”, “no munda da lua”, “não sabe nada”...

Através das rodas de conversa, conseguimos desenvolver ideias e conceitos para poder construir a ação pedagógica. Obtivemos também dados sobre quem sabia lidar com produção de vídeos com o uso de mídias (98%). Percebemos também que esta ação não poderia ser realizada apenas nos anos finais do ensino fundamental, então expandimos para todas as turmas. Estas rodas de conversa foram realizadas durante cinco dias, por 45 minutos todos os dias, em todas as turmas da escola. Ao final, dos estudos iniciais foi realizada uma dinâmica de integração (figura 2) de todas as turmas nos seus respectivos turnos.

Figura 2 – Dinâmica de sensibilização e interação das turmas.



Fonte: Arquivo pessoal.

Para dar continuidade ao projeto precisamos realizar a campanha de divulgação do concurso. Assim, lançamos no Facebook da escola uma imagem (figura 3) fazendo um chamamento para o concurso que teria início em alguns dias.

Figura 3 – Propaganda de divulgação do concurso.



Fonte: https://www.facebook.com/carlotavieiradacunha.3/photos_all

Esta imagem inicial obteve muitas curtidas e compartilhamentos. No dia seguinte, muitos alunos começaram a perguntar como poderiam participar. Isso nos revelou: primeiro que acertamos na escolha do meio de divulgação; segundo, não estávamos preparados para tantos alunos querendo participar, o que gerou um problema em relação a avaliação destes vídeos.

O número de vídeos a concorrer poderia ser muito grande e não teríamos como avaliá-los, já que programamos de os vídeos serem publicados no facebook da escola e, o vencedor seria aquele que obtivesse o maior número de curtidas. Assim, as medidas de controle não poderiam ser aplicadas se houvesse um número muito grande de inscritos.

Já que ainda não havíamos distribuído as fichas de inscrição, resolvemos limitar o número de inscrições por turma, assim as turmas poderiam fazer sua própria seleção dentro da sala de aula. O que aconteceu em quatro turmas.

A partir deste momento criamos um folder (figura 4) do concurso limitando as inscrições a um vídeo por turma. E aumentamos o prêmio para um dia de diversão para toda turma numa sede campestre do município com almoço. O que foi um grande incentivo, porque um dia de diversão para eles é raro.

Figura 4 – Folder do concurso.

<p>A Equipe Diretiva e as Professoras das Salas de Recursos lançam o II Concurso de Vídeo e querem contar com a participação de todos para o desenvolvimento deste projeto.</p> <p>TEMA: Luz, câmera e Educação Inclusiva: ressignificando caminhos.</p> <p>Modalidade: produção de vídeo</p> <p>Categorias: AEE, Fundamental I e Fundamental II</p> <p>Dos objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar através de vídeos como os conteúdos abordados em sala de aula estão sendo trabalhados voltados para uma educação inclusiva; • Incentivar professores, monitores e alunos a utilizar recursos tecnológicos disponíveis para fins educacionais através do desenvolvimento intelectual no campo da linguagem, da percepção visual, da criatividade e da criticidade, por meio do registro virtual de ações que levem à inclusão real de alunos com deficiência, a fim de despertar o interesse e elevar o nível de ensino e aprendizagem. 	<p>Como participar?</p> <p>Alunos com deficiência que estão cursando a o Ensino Fundamental em escolas públicas municipais de São Gabriel, seus monitores e professores.</p> <p>O vídeo deve:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ser inédito; • Produzido em qualquer aparelho de tecnologia digital, inclusive de aparelhos celulares; • Ter duração mínima de 30 segundos e máxima de 2 minutos; <ul style="list-style-type: none"> • Ser gravado e entregue via WhatsApp, pelo número (55) 999075961 ou pelo Messenger AEE Carlota; • Conter a identificação dos participantes e o título do vídeo. <p>Serão desclassificados os vídeos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • de natureza apelativa (caveiras, caixões, pessoas fazendo uso de drogas, armas...), preconceituosas, pornográficas, com imagens violentas; • Com símbolos nacionais, imagens registradas ou logomarcas governamentais. 	<p>O Concurso terá duas etapas:</p> <p>ETAPA INTERNA (somente vídeos da Escola Carlota)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os vídeos deverão ser entregues até dia 20/08; <ul style="list-style-type: none"> • Serão postados no dia 22/08, pela manhã; • Encerramento e premiação dia 24/08, pela manhã. <p>ETAPA EXTERNA (vídeos de todas as Escolas Municipais)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os vídeos deverão ser entregues até dia 22/08; <ul style="list-style-type: none"> • Serão postados no dia 24/08, à noite; • Encerramento e premiação dia 27/08, no Curso de Formação. <p>PREMIAÇÃO</p> <p>Os vídeos que obtiverem o maior número de curtidas, por categoria, receberão certificado e um mimo surpresa.</p> <p>POSTAGEM</p> <p>Os vídeos serão postados no Facebook: AEE Carlota.</p> <p>Somente serão aceitas as curtidas nos vídeos postados neste perfil.</p>
---	--	---

Fonte: https://www.facebook.com/carlota.vieiradacunha.3/photos_all

Na segunda etapa deste trabalho de pesquisa-ação, os professores e monitores passaram por atividades de preparação para produção dos vídeos: tiveram recreios diferentes, com atividades que os levaram a sentir um pouquinho como é ser deficiente, conforme mostrado na figura 5. Tiveram desde passeio em cadeira de rodas até vôlei de olhos vendados. “Como é difícil”, foi a expressão da maioria.

Figura 5 – Sensibilização de professores e monitores.

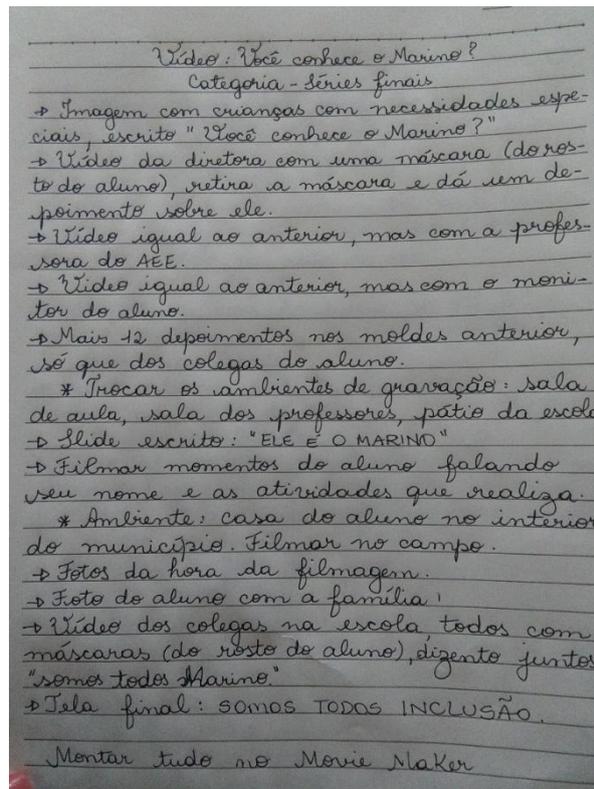


Fonte: Arquivo pessoal.

A proposta de colocá-los no lugar do aluno especial foi uma surpresa e também uma oportunidade de desenvolverem habilidades as quais não estão acostumados. Apesar de todas as dificuldades pelas quais os alunos passam e da difícil realidade de cada um, os professores perceberam que há inúmeras possibilidades de aprendizado. Quanto a entenderem o significado da inclusão e seu papel neste contexto, acredito que alcançamos um dos objetivos traçados, já que a partir deste projeto surgiram ações de cuidado e auxílio aos colegas e alunos, não apenas os “especiais”, mas entre todos eles.

Depois da sensibilização, eles foram para suas salas e auxiliaram nas produções de vídeos das turmas, elaboraram roteiros (figura 6) e organizaram o elenco.

Figura 6 – Roteiro elaborado por uma das turmas.



Fonte: Arquivo pessoal.

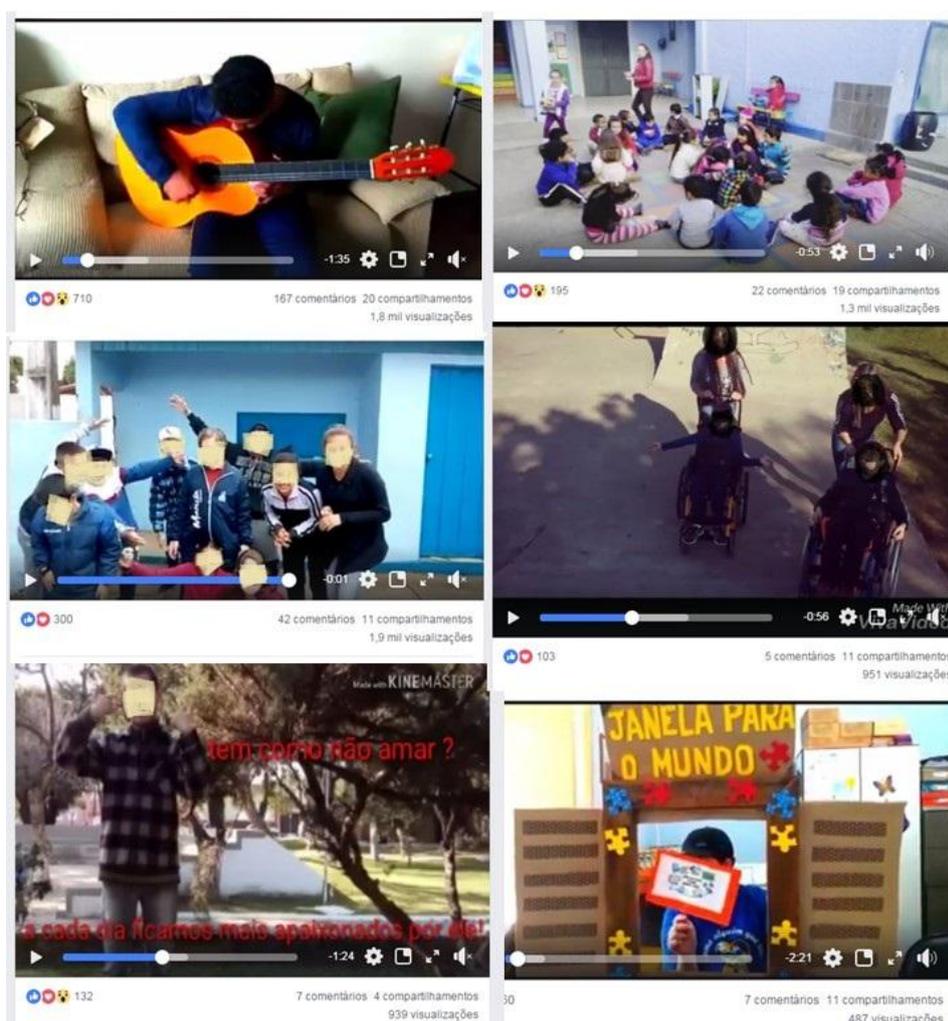
Para a concretização da produção, foram usadas câmeras digitais e/ou smartphones, computadores para as edições das filmagens e o aplicativo Windows Movie Maker para organizar o vídeo. Eles deveriam entregar os vídeos em pen drive ou in box na página da escola. O que gerou outro problema: desconhecíamos (por falta de pesquisa prévia) que para publicar direto no Facebook, os vídeos deveriam ter, no máximo, 2 minutos e 30 segundos (pedimos até 3 minutos).

Isto gerou um grande transtorno porque não conseguíamos publicar alguns vídeos, tivemos que pedir que refizessem ou acabamos cortando partes de alguns para poder publicar. Outro problema foram as músicas não autorizadas que impediam a publicação. Nestas situações, eles tiveram que substituir ou retirar a música.

Na terceira etapa, os vídeos foram entregues à pesquisadora para apresentação na abertura da Semana Estadual da Pessoa com Deficiência e postados no perfil de uma escola municipal de ensino fundamental, no Facebook (figura 7). Antes de postar os vídeos tivemos o cuidado de fazer com que todos os participantes e/ou seus responsáveis assinassem um termo de autorização para

uso de imagem na web, no presente estudo e em publicações advindas do Concurso. Depois de postados na rede social, os mesmos passaram a fazer parte do Concurso de Vídeos “Luz, Câmera e Educação Inclusiva”, no qual estariam concorrendo em quatro categorias: educação infantil, fundamental I, fundamental II e AEE. Dos vídeos postados, venceriam aqueles que obtivessem o maior número de curtidas. Foram publicados 15 vídeos com a participação de 21 professores, 18 monitores e 327 alunos.

Figura 7 – Vídeos postados no Facebook.



Fonte: <https://www.facebook.com/aee.carlota.1/videos>

As práticas pedagógicas registradas foram diversas e ricas em conteúdos e emoções. Foram desde músicas coreografadas até educação física com cadeirantes em pista de skate, passando por clube de ciências, aulas de violão, histórias de vida, depoimentos de mães, turmas bilíngues a partir da educação infantil, o uso de

softwares educativos para alfabetização e o simples (mas complexo para um aluno especial) soletrar o nome.

Os vídeos ficaram durante cinco dias na página da escola. Neste período, recebemos muitas mensagens e telefonemas perguntando sobre o concurso. Alguns eram de professores de outras escolas querendo saber se poderiam participar. Outros eram para nos convidar para participar de programas de rádio, divulgando o concurso e falando como ele começou. Uma das emissoras de rádio inclusive publicou em sua página um dos vídeos do concurso. Também fomos entrevistados por jornalistas de blogs locais (figura 8) que noticiaram o projeto e deram destaques ao tema trabalhado.

Figura 8 – Concurso reconhecido pela imprensa local.



Fonte: https://www.facebook.com/carlotavieiradacunha.3/photos_all

Ao fim do projeto, tivemos duas turmas que não participaram e se disseram arrependidas. Nossos alunos simplesmente tinham um sorriso enorme, nossos monitores que participaram ativamente ficaram encantados e nossos professores

viram seu trabalho reconhecido. Todos foram premiados numa grande cerimônia no pátio da escola, com a presença da mídia local.

Podemos observar que a divulgação dos vídeos nas redes sociais provocou uma mediação entre aqueles que ensinam e aqueles que aprendem, proporcionando um aprendizado mútuo e provocando vários comentários como:

“Por mais que vivamos num mundo de pessoas tomadas por ganância e maldade a falta de capacidade é pouco, mas ainda temos gigantes” (pai de aluno).

“Parabéns escola..., direção, professores e alunos por terem nos proporcionado essa troca de experiências...por podermos mostrar o desenvolvimento de nossos alunos e o quanto de amor tem envolvido em nossa profissão!” (professora do AEE).

“Parabéns para essa professora que trata eles como seres humanos normais, que tem capacidade de aprender.” (tia de aluno).

“Tenho orgulho de ser professora quando vejo um trabalho feito por profissionais assim.” (professora de outra escola).

“É muito bom quando a gente vê uma criança se sentindo feliz na escola. Lembro das minhas crianças que eram bem cuidadas nas aulas.” (mãe de ex-alunas da escola).

Acreditamos que estas ações foram de enorme valor para o trabalho de cada professor envolvido, fazendo-nos ver que são as coisas simples que fazem a diferença, que solidariedade se faz "sendo bom", como disseram os alunos.

Através das práticas divulgadas, os alunos demonstraram significativo entendimento do que é inclusão, do processo de desenvolvimento dos alunos com necessidades especiais e TGDs, ressignificando, para toda a comunidade escolar, os aprendizados contextualizados e realizados através de práticas simples, inovadoras, voltadas para o desenvolvimento pleno do ser humano.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, houve a possibilidade de compreender que a utilização de vídeos e redes sociais no ambiente escolar proporcionou aos alunos oportunidades diversificadas para seu desenvolvimento enquanto ser pensante e atuante, construindo um aprendizado significativo, recheado de emoções e

sentimentos expressos espontaneamente, com criatividade, simplicidade, mas de uma importância ímpar para todos os seus protagonistas.

O presente relato, envolvendo a divulgação e o festival/concurso de vídeos dentro ambiente escolar, revela o discernimento de que o processo de produção, edição e divulgação de vídeos é uma não é uma tarefa complexa, mas sim uma importante ferramenta possível de ser usada em sala de aula.

Aderir à produção audiovisual como instrumento de planejamento, elaboração, gravação e edição está além do simples ato de produção. Isto também significa mostrar aos professores, além de alunos e toda rede de contatos, que todos são capazes de realizar práticas pedagógicas significativas, estimulantes, que contemplam a todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais.

A experiência de um concurso de vídeos que retrata a escola inclusiva é vista como um meio de ressignificar, democratizar, incluir e/ou transformar saberes e olhares. A estimulação de debates acerca do tema provoca professores e alunos de toda rede municipal a buscarem ações e práticas cada vez mais próximas de formar alunos atuantes e com condições de se tornarem reais cidadãos.

A pesquisa permitiu não apenas debater o uso de vídeos e redes sociais mas também presenciar seus efeitos em turmas consideradas complexas nas escolas. Além disso, a pesquisa gerou amplas discussões acerca da inclusão escolar e de práticas possíveis e adaptáveis. Podemos crer que o uso das mídias na escola diminui o distanciamento entre os conhecimentos formais e os conhecimentos do mundo, favorecendo a aproximação entre professores e alunos.

Ao desenvolver a pesquisa-ação para elaborar este artigo, foi proposto pelas outras escolas da rede municipal que o festival/concurso de vídeos fosse realizado, também, em uma fase externa – aberta a todas as escolas da rede. O que já está em andamento. Pretende-se que o evento seja realizado anualmente nas duas fases, interna e externa.

Apesar do que foi apresentado neste artigo, certamente que essa discussão não se encerra por aqui. Contudo, este trabalho apresenta uma ponte de acesso para difundir o debate e que novas práticas e propostas sejam amplamente divulgadas, para que possamos, cada vez mais, promover um ensino/aprendizagem significativo e próximo da realidade de cada um e de todos.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, C. R. **A inclusão e seus sentidos: entre edifícios e tendas**. In: 12º ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 2004, Curitiba/PR. (Anais em CD-ROM).

BRASIL. **Planejando a próxima década: conhecendo as 20 metas do Plano Nacional de Educação**. Brasília: MEC/ SASE, 2014.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e educação**. 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. Petrópolis, 1993.

MANTOAN, M.T.E. **Abrindo as Escolas às Diferenças**. In: MANTOAN, M.T.E. (org.) **Pensando e Fazendo Educação de Qualidade**. São Paulo: Moderna, 2001. (Educação em pauta – Escola & Democracia).

_____, Maria Teresa Egler. **Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

_____, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1992, 7. Ed.

MENDES, I. G. Perspectiva para a construção da escola inclusiva no Brasil. In: PALHARES, M.S.; MARINS, S.C. (Orgs.). **Escola inclusiva**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

MORAN, José Manuel. **Desafios na Comunicação Pessoal**. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____, José Manuel. **Integração das Tecnologias na Educação. Desafios da televisão e do vídeo à escola**. Secretaria de Educação a Distância, SEED. 2005

_____, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

_____, José Manuel. **O Vídeo na Sala de Aula**. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 1, n. 2, jan. 1995.

OLIVEIRA, E. de. e MACHADO, K. da S. **Adaptações curriculares: caminho para uma Educação Inclusiva**. In: GLAT, R. (Org.). **Educação Inclusiva: Cultura e Cotidiano Escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

ONISHI, G. I. **Técnica de ensino na educação especial**. 2012. 40 f. Monografia (Especialização em Educação). Universidade Tecnológica do Paraná, Medianeira, 2012.

PLETSCH, M. D. **Repensando a inclusão escolar**: diretrizes políticas, práticas curriculares e deficiência intelectual. Editoras NAU & EDUR, Rio de Janeiro, 2010.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**: sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca: UNESCO, 1994.

VIANNA, F. D. **A era tecnológica exige nova educação**. Revista Mundo Jovem. Porto Alegre, n 396, p.10, maio 2009.

Todos os vídeos disponíveis em: <https://www.facebook.com/aee.carlota.1/videos>